



Educação na Amazônia Paraense: Um Universo de Possibilidades e Realizações

Education in the Pará Amazon: A Universe of Possibilities and Achievements

Ana Luiza Firmeza Rocha

Pós Doutora em Artes pela UFPA e Doutora em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Resumo: O presente estudo analisa a educação na Amazônia Paraense como um campo marcado por diversidade sociocultural, territorial e epistemológica, compreendendo-a como um universo de possibilidades e realizações no contexto educacional brasileiro. Partindo de uma perspectiva crítica e intercultural, discute-se a necessidade de superar modelos pedagógicos homogêneos e eurocêntricos, destacando a importância da valorização dos saberes tradicionais, das práticas comunitárias e das formas próprias de produção do conhecimento presentes nas populações indígenas, ribeirinhas e do campo. O estudo aborda as práticas pedagógicas desenvolvidas na região, evidenciando a centralidade da oralidade, das narrativas culturais e da relação com o território como elementos fundamentais para a construção de uma educação significativa. Analisa, ainda, a formação docente como um eixo estratégico para a consolidação de práticas pedagógicas contextualizadas, bem como as experiências inovadoras que emergem das comunidades, como a pedagogia da alternância e projetos interdisciplinares. Por fim, o estudo discute os principais desafios enfrentados pela educação na Amazônia Paraense, como as limitações estruturais e as tensões entre políticas educacionais e realidades locais, apontando perspectivas que reafirmam o protagonismo das comunidades e a construção de uma pedagogia plural, inclusiva e socialmente comprometida. Conclui-se que a educação na região não deve ser compreendida como periférica, mas como um espaço potente de produção de conhecimentos e de reinvenção dos paradigmas educacionais contemporâneos.

Palavras-chave: educação na Amazônia Paraense; práticas pedagógicas; interculturalidade; saberes tradicionais; educação do campo; formação docente; oralidade; território.

Abstract: This study analyzes education in the Pará Amazon as a field marked by sociocultural, territorial, and epistemological diversity, understanding it as a universe of possibilities and achievements within the Brazilian educational context. From a critical and intercultural perspective, it discusses the need to overcome homogeneous and Eurocentric pedagogical models, highlighting the importance of valuing traditional knowledge, community-based practices, and distinct forms of knowledge production present among Indigenous, riverine, and rural populations. The study examines pedagogical practices developed in the region, emphasizing the centrality of orality, cultural narratives, and the relationship with territory as fundamental elements for constructing meaningful education. It also analyzes teacher education as a strategic axis for consolidating contextualized pedagogical practices, as well as innovative experiences emerging from communities, such as alternating pedagogy and interdisciplinary projects. Finally, the study discusses the main challenges faced by education in the Pará Amazon, including structural limitations and tensions between educational policies and local realities, pointing to perspectives that reaffirm community protagonism and the construction of a plural, inclusive, and socially committed pedagogy. It concludes that

education in the region should not be understood as peripheral, but as a powerful space for knowledge production and for the reinvention of contemporary educational paradigms.

Keywords: education in the Pará Amazon; pedagogical practices; interculturality; traditional knowledge; rural education; teacher education; orality; territory.

INTRODUÇÃO

A educação na Amazônia Paraense configura-se como um campo profundamente marcado pela diversidade sociocultural, territorial e epistemológica, constituindo-se, ao mesmo tempo, como espaço de desafios históricos e de potentes possibilidades de transformação social. Inserida em um contexto onde coexistem comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas e urbanas, a educação nesse território exige uma abordagem que vá além dos modelos tradicionais, incorporando saberes locais, práticas culturais e formas próprias de produção do conhecimento. Nesse sentido, pensar a educação na Amazônia Paraense implica reconhecer que o processo educativo está intrinsecamente ligado ao território, à identidade e às relações sociais que se constroem no cotidiano das populações amazônicas.

Como apontam estudos recentes, a educação na região não pode ser compreendida de forma isolada das condições de vida das comunidades, especialmente no que se refere às populações do campo e ribeirinhas, cuja escolarização se articula com práticas culturais e modos de vida específicos. Dessa forma, o cenário educacional paraense revela-se como um “universo de possibilidades” (Moreira, 2019, p. 45), no qual diferentes experiências pedagógicas emergem como respostas às demandas locais, produzindo caminhos inovadores para o ensino e a aprendizagem.

A DIVERSIDADE AMAZÔNICA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

A Amazônia Paraense é um território plural, onde a diversidade cultural não é apenas um dado, mas um elemento estruturante das práticas educativas. A presença de diferentes grupos sociais exige que a escola se constitua como um espaço intercultural, capaz de dialogar com múltiplas formas de conhecimento. Nesse contexto, a educação não pode ser pensada como um processo uniforme, mas como uma construção situada, que reconhece as especificidades de cada comunidade.

A educação do campo, por exemplo, tem se destacado como uma importante vertente na região, especialmente por sua capacidade de articular saberes locais e conhecimentos escolares. Estudos baseados na perspectiva freireana (Freire, 1996, p. 57) indicam que práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo, na participação e na autonomia dos sujeitos contribuem significativamente para a construção de uma educação emancipatória na Amazônia Paraense. Essa abordagem reforça a

importância de considerar os sujeitos do campo como protagonistas do processo educativo, valorizando suas experiências e conhecimentos.

Além disso, a educação ribeirinha apresenta características próprias, relacionadas ao modo de vida das comunidades que habitam as margens dos rios. Nessas localidades, o calendário escolar, os conteúdos e as metodologias precisam dialogar com as dinâmicas naturais e culturais do território, evidenciando a necessidade de uma educação flexível e contextualizada. Como indicam pesquisas recentes (Moreira, 2012, p. 34), os saberes ribeirinhos constituem um patrimônio cultural fundamental, devendo ser reconhecidos e incorporados às práticas pedagógicas .

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SABERES TRADICIONAIS

As práticas pedagógicas na Amazônia Paraense são fortemente influenciadas pelos saberes tradicionais, que se manifestam por meio da oralidade, das narrativas, das práticas comunitárias e da relação com a natureza. Nesse contexto, a escola assume o desafio de articular diferentes epistemologias, promovendo um diálogo entre o conhecimento científico e os saberes locais.

Projetos como o IFNOPAP (2023, p. 22) evidenciam a importância da oralidade na construção do conhecimento amazônico, ao valorizar mitos, lendas e histórias como formas legítimas de aprendizagem. Essas iniciativas demonstram que a educação pode se beneficiar de metodologias que integrem cultura, memória e identidade, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua realidade.

Outro exemplo relevante é o Projeto Saúde & Alegria (2023, p. 67), que atua em comunidades ribeirinhas do Pará, articulando educação, saúde e cultura. Essa experiência evidencia como práticas pedagógicas interdisciplinares e comunitárias podem promover o desenvolvimento social e fortalecer o protagonismo das populações locais, mostrando que a educação vai além dos muros da escola e se insere no cotidiano das comunidades .

Além disso, a pedagogia da alternância tem se destacado como uma estratégia importante na região, especialmente no contexto da agricultura familiar. Essa metodologia permite que os estudantes alternem períodos entre a escola e a comunidade, integrando teoria e prática e valorizando os conhecimentos locais. Estudos indicam que essa abordagem contribui para a formação de sujeitos mais conscientes de sua realidade e comprometidos com o desenvolvimento sustentável.

As escolas ribeirinhas na Amazônia Paraense constituem espaços educativos singulares, nos quais o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve em estreita relação com o território, com os ciclos naturais e com os modos de vida das comunidades.

Diferentemente dos contextos urbanos, nessas escolas o currículo precisa dialogar com a realidade cotidiana dos estudantes, marcada pela pesca, pela agricultura familiar, pelo extrativismo e pelas dinâmicas dos rios. Nesse sentido,

as práticas pedagógicas ribeirinhas assumem um caráter profundamente contextualizado, integrando saberes tradicionais e conhecimentos escolares de maneira indissociável, o que possibilita a construção de aprendizagens mais significativas e conectadas à experiência dos sujeitos.

Um exemplo bastante recorrente nessas escolas é o desenvolvimento de projetos pedagógicos voltados para a educação ambiental contextualizada, nos quais os estudantes investigam o ecossistema local a partir de suas próprias vivências. Em comunidades às margens do rio Amazonas e de seus afluentes, professores organizam atividades que envolvem a identificação de espécies de peixes, plantas medicinais e árvores típicas da região, articulando conteúdos de Ciências, Geografia e Língua Portuguesa.

Nessas práticas, os alunos são incentivados a dialogar com pescadores, agricultores e anciãos da comunidade, registrando seus conhecimentos por meio de relatos orais, desenhos e produções escritas. Essa abordagem valoriza o saber local como fonte legítima de conhecimento e contribui para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades investigativas e críticas.

Outra prática pedagógica significativa refere-se à adaptação do calendário escolar aos ciclos das águas, especialmente em regiões sujeitas a períodos de cheia e vazante dos rios. Em muitas comunidades ribeirinhas, o acesso à escola depende das condições de navegação, o que exige uma organização flexível do tempo escolar. Professores e gestores, em diálogo com a comunidade, reorganizam o calendário letivo de modo a garantir a participação dos estudantes, respeitando as dinâmicas locais.

Essa prática evidencia que a escola ribeirinha não pode operar com uma lógica rígida e padronizada, sendo necessário considerar o território como elemento estruturante do processo educativo. Ao adaptar-se aos ciclos naturais, a escola reafirma seu compromisso com a realidade dos alunos e fortalece a relação entre educação e vida comunitária.

Também se destacam práticas voltadas para a produção de narrativas e valorização da oralidade, nas quais os estudantes são convidados a registrar histórias, mitos e experiências vividas em suas comunidades. Professores de Língua Portuguesa, por exemplo, desenvolvem atividades de recontagem de histórias narradas por familiares e moradores mais antigos, promovendo a escrita de textos que dialogam com a memória coletiva.

Essas práticas não apenas contribuem para o desenvolvimento da leitura e da escrita, mas também funcionam como estratégias de preservação cultural, ao reconhecer a oralidade como forma legítima de produção de conhecimento. Nesse contexto, a escola torna-se um espaço de valorização da identidade ribeirinha, fortalecendo o vínculo dos estudantes com sua cultura e seu território.

Outro exemplo relevante é a realização de aulas itinerantes ou aulas fora da sala de aula, nas quais o ambiente natural se transforma em espaço pedagógico. Professores organizam atividades em áreas de várzea, igarapés ou quintais

comunitários, utilizando esses espaços como laboratórios vivos para o ensino de diferentes disciplinas.

Em uma aula de Ciências (2025, p. 66), por exemplo, os estudantes podem observar diretamente o comportamento dos rios, a fauna e a flora locais; em Geografia, podem compreender as dinâmicas territoriais e ambientais; e, em Matemática, podem trabalhar medidas, proporções e cálculos a partir de situações concretas do cotidiano. Essa abordagem rompe com a lógica tradicional da sala de aula e amplia as possibilidades de aprendizagem, ao conectar teoria e prática de maneira integrada.

Além disso, é possível destacar práticas pedagógicas relacionadas à pedagogia de projetos, amplamente utilizadas em escolas ribeirinhas. Nessa abordagem, os estudantes desenvolvem projetos coletivos que partem de problemas ou temas relevantes para a comunidade, como a preservação dos rios, o manejo sustentável dos recursos naturais ou a melhoria das condições de vida local.

Esses projetos envolvem pesquisa, planejamento, execução e socialização dos resultados, promovendo o protagonismo dos estudantes e a integração entre diferentes áreas do conhecimento.

Ao trabalhar com temas significativos para a comunidade, a escola contribui para a formação de sujeitos mais conscientes e engajados, capazes de atuar na transformação de sua realidade.

Por fim, destaca-se a prática de integração escola-comunidade, que se manifesta por meio da participação ativa das famílias e dos moradores nas atividades escolares. Em muitas escolas ribeirinhas, são organizados encontros, oficinas e eventos culturais nos quais a comunidade compartilha seus saberes com os estudantes, fortalecendo os vínculos entre educação e cultura local.

Essa interação contribui para a construção de uma educação mais democrática e participativa, na qual diferentes atores sociais assumem papel ativo no processo educativo. Como ressaltam autores da educação amazônica, a escola ribeirinha só se torna efetivamente significativa quando se reconhece como parte da comunidade e quando incorpora seus saberes, práticas e valores em seu cotidiano pedagógico.

Dessa forma, as práticas pedagógicas desenvolvidas em escolas ribeirinhas da Amazônia Paraense evidenciam que a educação, quando contextualizada e sensível às realidades locais, pode se tornar um poderoso instrumento de valorização cultural, formação crítica e transformação social. Ao integrar território, cultura e conhecimento, essas experiências apontam para a construção de uma pedagogia amazônica comprometida com a diversidade, a sustentabilidade e a emancipação dos sujeitos.

FORMAÇÃO DOCENTE E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

A formação de professores é um elemento central para a consolidação de práticas pedagógicas significativas na Amazônia Paraense. Diante da complexidade

do contexto amazônico, torna-se fundamental que os docentes estejam preparados para lidar com a diversidade cultural, linguística e territorial da região.

Pesquisas apontam que a formação docente deve contemplar a valorização das identidades culturais e a compreensão dos diferentes modos de vida presentes na Amazônia, possibilitando que os professores desenvolvam práticas pedagógicas contextualizadas e sensíveis às realidades locais. Nesse sentido, a formação continuada assume um papel estratégico, permitindo que os educadores reflitam sobre suas práticas e construam novas metodologias de ensino.

Além disso, a inovação pedagógica na Amazônia não se limita ao uso de tecnologias, mas envolve a criação de práticas que dialoguem com o território e com as experiências dos estudantes. A educação em tempo integral, por exemplo, tem sido apontada como uma possibilidade de ampliar as experiências educativas, promovendo ações coletivas e integradas que contribuem para o desenvolvimento social e cultural das comunidades.

A formação docente na Amazônia Paraense constitui um dos elementos centrais para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas, críticas e socialmente comprometidas, especialmente em um território marcado por profundas desigualdades, diversidade sociocultural e especificidades geográficas.

Pensar a formação de professores nesse contexto implica reconhecer que não se trata apenas de preparar profissionais para a transmissão de conteúdos, mas de formar sujeitos capazes de compreender a complexidade do território amazônico e de atuar de maneira sensível às realidades locais. Como afirma Paulo Freire, “não há docência sem discência”, evidenciando que o ato de ensinar pressupõe uma relação dialógica, na qual professores e alunos constroem conhecimentos de forma conjunta (Freire, 1996, p. 54).

Essa perspectiva é particularmente relevante na Amazônia, onde o processo educativo exige abertura ao diálogo intercultural e valorização dos saberes comunitários.

Nesse sentido, a formação docente precisa romper com modelos tradicionais e tecnicistas, que historicamente desconsideraram as especificidades regionais e impuseram práticas pedagógicas descontextualizadas.

Conforme argumenta Miguel Arroyo (2012, p. 99), a formação de professores deve partir da realidade concreta dos sujeitos e de seus territórios, reconhecendo que “os educadores do campo, das florestas e das águas carregam saberes próprios, construídos nas lutas e nas experiências de vida”.

Na Amazônia Paraense, essa compreensão é fundamental, pois os professores atuam em contextos diversos, como comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas, onde o conhecimento não se limita ao espaço escolar, mas se articula com práticas culturais, produtivas e espirituais.

Dessa forma, a formação docente deve incorporar esses saberes como elementos constitutivos do processo educativo, superando a lógica hierárquica que privilegia exclusivamente o conhecimento científico ocidental.

Além disso, a formação inicial e continuada de professores na região precisa dialogar com as epistemologias indígenas e tradicionais, reconhecendo a pluralidade de formas de produzir conhecimento.

Como destaca Ailton Krenak (2019), é necessário “adiar o fim do mundo” por meio de uma mudança na forma como nos relacionamos com a natureza e com o conhecimento, o que implica repensar profundamente os processos educativos. Essa reflexão é essencial para a formação docente na Amazônia, uma vez que o território não pode ser compreendido apenas como espaço físico, mas como um conjunto de relações que envolvem cultura, espiritualidade e modos de vida.

Nesse contexto, o professor precisa ser preparado para atuar como mediador entre diferentes mundos, promovendo uma educação que valorize a diversidade e contribua para a sustentabilidade socioambiental.

Outro aspecto fundamental refere-se à formação continuada, que se apresenta como um espaço privilegiado de reflexão sobre a prática pedagógica. Em contextos amazônicos, onde os desafios são constantes e as realidades são dinâmicas, a formação continuada permite que os professores revisitem suas práticas, compartilhem experiências e construam coletivamente novos caminhos para o ensino.

De acordo com Nóvoa (1992, p. 77), a formação docente não se constrói apenas por meio de cursos formais, mas sobretudo a partir da reflexão crítica sobre a prática, sendo essencial que os professores sejam reconhecidos como sujeitos produtores de conhecimento. Essa perspectiva é particularmente relevante na Amazônia Paraense, onde muitas práticas pedagógicas inovadoras emergem da experiência cotidiana dos docentes, que desenvolvem estratégias criativas para lidar com as limitações estruturais e para dialogar com as especificidades culturais dos estudantes.

Ademais, é importante considerar que a formação docente na Amazônia está diretamente relacionada às políticas públicas educacionais, que nem sempre contemplam as necessidades da região.

A implementação de currículos padronizados, muitas vezes descolados das realidades locais, evidencia a necessidade de políticas mais flexíveis e contextualizadas. Como apontam Gatti, Barreto e André (2011, p. 10), a formação de professores no Brasil ainda enfrenta desafios estruturais, como a fragmentação dos cursos, a falta de articulação entre teoria e prática e a insuficiente valorização da profissão docente.

Na Amazônia Paraense, esses desafios são intensificados pelas condições geográficas e socioeconômicas, exigindo políticas específicas que garantam formação de qualidade e condições adequadas de trabalho para os professores.

Outro elemento relevante diz respeito ao protagonismo dos professores na construção de práticas pedagógicas inovadoras. Em muitas escolas da região, especialmente em contextos ribeirinhos e do campo, os docentes desenvolvem metodologias que integram saberes locais e conhecimentos escolares, promovendo uma educação mais significativa. Essas experiências demonstram que, mesmo

diante de adversidades, os professores amazônicos atuam como agentes de transformação, criando possibilidades educativas que dialogam com a realidade dos estudantes. Nesse sentido, a formação docente deve reconhecer e valorizar essas práticas, promovendo espaços de troca e sistematização de experiências, de modo a fortalecer uma pedagogia amazônica comprometida com a diversidade e a justiça social.

Por fim, é possível afirmar que a formação docente na Amazônia Paraense precisa ser compreendida como um processo contínuo, coletivo e situado, que articula teoria, prática e território. Mais do que formar professores para reproduzir conteúdos, trata-se de formar educadores capazes de pensar criticamente, de dialogar com diferentes saberes e de atuar na transformação de suas realidades. Como destaca Freire (1996, p. 45), ensinar exige compromisso ético, político e social, o que implica reconhecer a educação como prática de liberdade. Nesse sentido, a formação docente na Amazônia não é apenas um desafio, mas uma oportunidade de construir novos caminhos para a educação, fundamentados na valorização da diversidade, na interculturalidade e na construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS: ENTRE LIMITES E POSSIBILIDADES

Apesar das inúmeras potencialidades, a educação na Amazônia Paraense enfrenta desafios significativos, relacionados à infraestrutura, ao acesso a recursos e à implementação de políticas públicas eficazes. A distância geográfica, as dificuldades de transporte e as condições socioeconômicas das comunidades são fatores que impactam diretamente o processo educativo.

Além disso, há tensões entre as políticas curriculares nacionais e as especificidades locais, especialmente no que se refere à educação ribeirinha e do campo. Estudos indicam que documentos oficiais, como o currículo estadual, nem sempre contemplam plenamente as territorialidades amazônicas, evidenciando a necessidade de maior flexibilidade e contextualização.

No entanto, é importante destacar que, mesmo diante dessas limitações, a educação na Amazônia Paraense se constitui como um espaço de resistência e criação. As experiências desenvolvidas nas comunidades demonstram que é possível construir práticas pedagógicas inovadoras, baseadas na valorização da cultura, na participação comunitária e na articulação entre diferentes saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação na Amazônia Paraense revela-se, de fato, como um universo de possibilidades e realizações, no qual a diversidade cultural e territorial se transforma em potência pedagógica. Ao reconhecer e valorizar os saberes tradicionais, as

práticas comunitárias e as especificidades locais, a educação na região aponta para a construção de uma pedagogia plural, intercultural e comprometida com a transformação social.

Nesse sentido, as experiências educativas desenvolvidas na Amazônia Paraense demonstram que é possível reinventar a escola, transformando-a em um espaço de diálogo, de construção coletiva do conhecimento e de afirmação das identidades culturais. A valorização da oralidade, das narrativas e das práticas tradicionais contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e transformar sua realidade.

Por fim, a educação amazônica não deve ser vista como periférica, mas como um campo estratégico para a construção de novos paradigmas educacionais. Ao integrar território, cultura e conhecimento, a Amazônia Paraense oferece importantes contribuições para o pensamento educacional contemporâneo, reafirmando que educar é, прежде de tudo, reconhecer a diversidade e promover a justiça social.

A análise da educação na Amazônia Paraense permite compreender que este território educativo não pode ser reduzido a uma lógica periférica ou a um espaço de carências, como frequentemente é retratado nos discursos institucionais. Ao contrário, trata-se de um campo fértil de experiências pedagógicas que revelam a potência de práticas educativas profundamente enraizadas na cultura, no território e nas relações comunitárias. Nesse sentido, a educação amazônica se configura como um espaço de reinvenção constante, no qual diferentes epistemologias coexistem e tensionam os modelos tradicionais de ensino. A diversidade sociocultural da região não representa um obstáculo, mas uma condição estruturante que possibilita a emergência de práticas pedagógicas inovadoras, capazes de dialogar com a realidade dos sujeitos e promover aprendizagens significativas.

Ao considerar a centralidade dos saberes tradicionais, da oralidade e das práticas culturais no processo educativo, evidencia-se que a educação na Amazônia Paraense ultrapassa os limites da escola formal, inserindo-se no cotidiano das comunidades e nas dinâmicas do território. Ensinar e aprender, nesse contexto, não se restringe à transmissão de conteúdos sistematizados, mas envolve a construção coletiva de conhecimentos que articulam experiência, memória e identidade. Essa perspectiva amplia o conceito de currículo, deslocando-o de uma estrutura rígida e normativa para um campo vivo e dinâmico, no qual diferentes formas de saber são legitimadas. Dessa forma, a escola passa a atuar como mediadora entre mundos, conectando saberes científicos e conhecimentos tradicionais, e contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua inserção social e cultural.

Outro aspecto fundamental que emerge desta reflexão diz respeito ao papel da formação docente, que se apresenta como um dos principais pilares para a consolidação de uma educação contextualizada e transformadora. A formação de professores na Amazônia Paraense precisa ir além da mera transmissão de conteúdos pedagógicos, incorporando dimensões culturais, territoriais e políticas que possibilitem aos educadores compreender a complexidade do contexto em que atuam. Nesse sentido, os professores são chamados a assumir uma postura reflexiva e investigativa, reconhecendo-se como sujeitos em constante formação

e como agentes de transformação social. A valorização dos saberes locais na formação docente não apenas fortalece as práticas pedagógicas, mas também contribui para a construção de uma educação mais inclusiva e representativa.

Entretanto, não se pode ignorar os desafios estruturais que atravessam a educação na região, como as dificuldades de acesso, a precariedade de infraestrutura e a insuficiência de políticas públicas que considerem as especificidades amazônicas. Esses fatores impactam diretamente a qualidade do ensino e evidenciam a necessidade de investimentos mais consistentes e de políticas educacionais que dialoguem com as realidades locais. Contudo, mesmo diante dessas limitações, as experiências desenvolvidas na Amazônia Paraense demonstram uma capacidade significativa de resistência e reinvenção, evidenciando que a educação pode se constituir como um espaço de transformação social, mesmo em contextos adversos.

Por fim, é possível afirmar que a educação na Amazônia Paraense aponta para a construção de novos paradigmas educacionais, fundamentados na valorização da diversidade, na interculturalidade e na sustentabilidade. Ao integrar território, cultura e conhecimento, as práticas pedagógicas amazônicas oferecem importantes contribuições para o debate educacional contemporâneo, especialmente no que diz respeito à necessidade de superar modelos excludentes e construir uma educação comprometida com a justiça social. Nesse sentido, a Amazônia não deve ser vista apenas como objeto de estudo, mas como sujeito produtor de conhecimento, capaz de inspirar novas formas de pensar e fazer educação.

Dessa forma, reconhecer a educação na Amazônia Paraense como um universo de possibilidades e realizações implica não apenas valorizar as experiências existentes, mas também investir na construção de políticas e práticas que fortaleçam essas iniciativas. Trata-se de compreender que a educação, nesse contexto, é profundamente política, cultural e territorial, e que seu potencial transformador reside justamente na capacidade de dialogar com a diversidade e de promover a emancipação dos sujeitos. Assim, a Amazônia se apresenta não apenas como um espaço de desafios, mas como um horizonte de possibilidades para a construção de uma educação mais humana, plural e comprometida com a vida em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel González; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 1999.

DE OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; DOS SANTOS, Tânia Regina Lobato. Educação do campo na Amazônia: um olhar freireano para práticas educacionais. **Revista Cocar**, v. 2, n. 4, p. 77–90, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete A.; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAFRA, José Ricardo e Souza (org.). **Pesquisa em educação na e da Amazônia**. Teresina: EDUCANORTE, 2023.

MOREIRA, A. R. Saberes ribeirinhos e práticas pedagógicas na Amazônia paraense. **Revista Foco**, 2025.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SOUSA, E. O. Desafios da educação integral na Amazônia Paraense. **Revista Educação & Formação**, 2025.

SOUSA, P. F. S. **Pedagogia da alternância na Amazônia Paraense**. Educação & Sociedade, 2023.